

PORTEFÓLIOS DIGITAIS: REVISITANDO OS PRINCÍPIOS E RENOVANDO AS PRÁTICAS

Maria João Gomes
mjpgomes@iep.uminho.pt
Universidade do Minho

Introdução

O conceito de portefólio tem a sua origem e as suas primitivas utilizações em actividades profissionais, particularmente as associadas ao grafismo e à imagem (arquitectura, fotografia, pintura, entre outros). Do domínio de utilização no campo profissional e com objectivos essencialmente de registo e apresentação de trabalhos, os portefólios foram sendo adaptados a outras áreas de intervenção e alargando o leque de potenciais objectivos associados à sua utilização, começando a surgir também em contextos educacionais, formativos e escolares.

Embora de utilização ainda relativamente restrita em muitos domínios educacionais e escolares, a criação de portefólios é reconhecida por muitos professores, investigadores e outros intervenientes no campo da educação, como estratégia de promoção de aprendizagens, como instrumento de avaliação e como ferramenta de desenvolvimento profissional dos professores (Soeiro & Silva, 2005; Alves, 2005). Todavia, a existência de algumas lacunas ao nível da investigação empírica sobre o uso de portefólios na educação, quer com estudantes quer com professores é reconhecida (cf. Barret, 2005). Para além dos múltiplos propósitos para os quais os portefólios podem ser desenvolvidos, existem diferentes contextos de aplicação também a requerer estudos (cf. Barret, 2005). Mais recentemente, a evolução tecnológica e os novos recursos disponíveis, bem como as novas competências exigidas pela sociedade da informação e comunicação, têm conduzido ao surgimento de experiências e práticas pedagógicas suportadas na construção de portefólios digitais de aprendizagem, alargando ainda mais a necessidade de se desenvolverem estudos e investigações neste domínio.

1. Modalidades de portefólios

A construção de um portefólio pode ter muitos objectivos de natureza distinta. Pode ser uma estratégia de promoção de aprendizagens, um instrumentos de avaliação académica ou profissional, um “argumento” na procura de um emprego, um meio de promoção e marketing de um produto ou empresa, um registo de desenvolvimento pessoal e ou profissional, entre outros. Esta diversidade leva mesmo Barret [2005:s/pág.] a afirmar que o termo portefólio deve ser sempre acompanhado de um adjectivo ou um termo modificador que descreva o propósito para o qual está (ou foi) a ser elaborado. Deve contudo ter-se presente que, com frequência, a elaboração de um portefólio pode servir ou enquadrar-se simultaneamente em mais do que um dos objectivos enumerados.

Entre outras modalidades, poderemos considerar a existência de: (i) portefólios de apresentação profissional; (ii) portefólios de aprendizagem; (iii) portefólios de desempenho financeiro; (iv) portefólios de aprendizagem; (v) portefólios de avaliação.

1.1. O uso educacional dos portefólios

No contexto educacional, a grande maioria dos portefólios assumem a vertente de portefólios de desenvolvimento pessoal; portefólios de aprendizagem e/ou portefólios de avaliação sendo que com frequência cada uma destas categorias inclui também muitas das vertentes da(s) categoria(s) anterior. Na realidade, um portefólio de avaliação é também e simultaneamente um portefólio de aprendizagem pois o que se pretende é avaliar as aprendizagens efectuadas pelos alunos não só em termos de produtos mas também de processos. Na medida em que um portefólio construído tendo em vista ser um instrumento de avaliação deve ser revelador quer da dimensão “produtos”, quer da dimensão “processos”, este acaba por ser também um portefólio de aprendizagem que, ao incluir elementos do percurso de aprendizagem dos alunos, ao revelar as suas reflexões, o seu percurso em termos de capacidade de pesquisa, selecção, análise, síntese, autonomia, etc. é também um elemento frequentemente revelador de um percurso de desenvolvimento pessoal. Esta ideia está subjacente nas palavras de Helen Barret [2005:s/pág.] para quem “[n]a sala de aula, os portefólios são, não tanto uma estratégia de ensino a ser investigada, mas um meio para alcançar um fim: suportar a reflexão que pode ajudar os estudantes a entenderem a sua própria aprendizagem e proporcionar um quadro mais rico do trabalho do estudante documentando o seu crescimento ao longo do tempo”. A realização de um portefólio de aprendizagem pode assim, se devidamente desenvolvido, constituir também uma estratégia de promoção da metacognição.

Um portefólio educacional, construído por alunos enquanto instrumento de aprendizagem e eventualmente também como produto sujeito a avaliação e classificação deve conter os documentos que o aluno seleccionou e coleccionou de modo a evidenciar o seu processo de crescimento e reflexão ao longo do período de tempo a que se reporta o portefólio (cf. Barret [2005:s/pág]; Bernardes, C.; Miranda, F.; 2003). Neste sentido, os portefólios podem incluir documentos de natureza diversa, em distintas linguagens e diferentes suportes, podem demonstrar as actividades de pesquisa, selecção e reflexão realizadas pelos alunos, evidenciar produtos mas também processos de aprendizagem, e representar as diferentes experiências de aprendizagem vividas pelos alunos (cf. Fernandes, D., Neves, A., Campos, C., Conceição, J.M., Alaiz, V.; 1994).

2. Os portefólios enquanto instrumentos de aprendizagem e de avaliação no contexto do Mestrado em Tecnologia Educativa da Universidade do Minho

A utilização dos portefólios digitais enquanto instrumentos de aprendizagem e avaliação no contexto do Mestrado em Educação, área de conhecimento de Tecnologia Educativa da Universidade do Minho ocorreu pela primeira vez no primeiro semestre do ano lectivo de 2004/2005 no âmbito da disciplina de Seminário em Educação a Distância (EaD), tendo surgido como uma opção natural em termos de estratégia e, simultaneamente, instrumento e produto de avaliação. Esta primeira experiência que se revelou gratificante conforme informalmente foi registado junto dos alunos, alguns dos quais expressaram nos próprios blogues essa opinião, foi o incentivo necessário para nos levar à repetição desta prática no ano lectivo de 2005/2006, agora com outro grupo de alunos (12 alunos) correspondentes à 10ª edição do curso de mestrado.

A ideia de adoptar o portefólio enquanto processo, instrumento e objecto de avaliação decorreu de algumas constatações e pressupostos a que a nossa prática profissional e a literatura especializada nos conduziu.

Uma das ideias base, decorrente da experiência de mais de uma década de exercício da docência nos cursos de licenciatura, de alguma experiência significativa no domínio da formação contínua de adultos e da formação pós-graduada, esteve associada à constatação de alguma dificuldade de auto-organização e de gestão dos tempos de aprendizagem que frequentemente conduzia, principalmente ao nível dos alunos de graduação, a uma falta de acompanhamento das actividades das disciplinas, concentrando frequentemente o seu esforço e empenho em termos de aprendizagem em períodos curtos e bem delimitados no tempo, quase sempre na proximidade imediata dos momentos de avaliação sumativa. Com a proposta da realização de portefólios no âmbito da disciplina **pretendia-se estimular os alunos a acompanhar as actividades** da mesma de uma forma contínua, funcionando como um incentivo à auto-organização em termos de tempos e actividades de aprendizagem.

Por outro lado, tínhamos a percepção de que, em termos gerais, a concentração dos momentos de estudo e reflexão dedicados à disciplina (a esta ou a qualquer outra) em momentos muito específicos, pré-determinados, não era estimulador de um espírito de pesquisa, síntese e reflexão que pretendíamos ajudar a desenvolver nos alunos. **A elaboração do portefólio surge** aqui como um “tempo e um espaço” expandidos ao longo do semestre lectivo que supúnhamos capaz de inverter essa tendência, constituindo-se **como um espaço de reflexão pessoal distendida no tempo, e também como um espaço de partilha e colaboração com os outros.**

Nesta comunicação apresentamos alguns dados e reflexões decorrentes do recurso aos portefólios digitais enquanto instrumento de avaliação mas também, e essencialmente, enquanto instrumento de regulação do processo de aprendizagem de alunos de um curso de Mestrado em Educação da Universidade do Minho. Neste contexto específico, a adopção do

portefólio como instrumento de aprendizagem e de avaliação pareceu-nos ainda mais relevante por permitir simultaneamente aos alunos do curso de mestrado, todos eles professores do ensino básico e secundário, porem em prática competências que, frequentemente, também desejam desenvolver nos seus próprios alunos.

2.1 Objectivos da adopção do portefólio como instrumento de avaliação

A proposta de elaboração de um portefólio no âmbito da disciplina de Seminário em Educação a Distância teve na sua base diversos objectivos de entre os quais destacamos os seguintes:

- utilizar um instrumento de avaliação de carácter reflexivo, contínuo no tempo, pessoal e personalizável, valorizador da autonomia e do sentido de responsabilidade, e por todos estes aspectos, adequado a alunos adultos, que desenvolvem a sua actividade profissional como professores, e que necessitam do máximo de flexibilidade na gestão temporal e espacial nas suas actividades discentes, no sentido de melhor conciliarem actividades profissionais, familiares e de formação;
- utilizar um instrumento de avaliação que se apresenta como um potencial elevado em contextos de educação/formação a distância, articulando assim as práticas de avaliação da disciplina com aspectos conteudais da mesma;

2.2 Portefólios digitais: novas potencialidades.

Seguindo uma tendência cada vez mais acentuada e indo inclusive de encontro ao preconizado em documentos europeus no domínio da educação/formação, foi decidido optar pela realização de um portefólio digital em rede. A elaboração dos portefólios em formato digital apresenta várias características que nos parecem aliciantes. Em primeiro lugar, torna-se possível uma adopção mais integrada de uma abordagem multimédia, nomeadamente através da possibilidade de integração de imagem estática, animada ou vídeo, texto e som, permitir a adopção de uma estrutura hipermediática na organização da informação com recurso a hiperligações internas, entre diferentes documentos ou mensagens do portefólios, ou externas para recursos disponíveis na web. Não menos relevante é o facto de algum do software que pode servir de suporte à elaboração de portefólios digitais permitir a colocação de contributos de outros sujeitos que não o autor principal do portefólio permitindo a colocação de comentários e contributos que apoiam uma construção crítica e colaborativa do portefólio. Em alguns casos, podemos mesmo permitir a criação de portefólios com mais do que um autor em simultâneo embora esta situação mereça alguma ponderação em função dos objectivos que nos propusermos.

2.3 Os blogues como suporte à elaboração de portefólios

Embora exista actualmente software desenvolvido especificamente como ferramentas de suporte à construção de portefólios digitais, a nossa opção foi a adopção de um serviço de criação de weblogues como suporte à construção dos portefólios dos alunos. As razões na base desta opção foram de natureza essencialmente prática. Existem actualmente, sistemas gratuitos de criação e alojamento de blogues que permitem a integração de texto, imagem estática, vídeo, som e inclusive possuem sistemas de comentários que permitem criar oportunidades de interacção entre o autor do blogue-portefólio e os leitores e visitantes do mesmo. Estes sistemas, para além das suas funcionalidades técnicas e do carácter, não despreciando, de serem gratuitos, são em alguns casos de muito fácil utilização podendo ser utilizados apenas com o domínio de competência informáticas muito básicas. Aliado a estes aspectos, os blogues podem constituir verdadeiros recursos e simultaneamente a sua utilização pode ser concebida de modo a estruturar-se em torno de estratégias de ensino inovadoras e mais motivadores (cf. Gomes, 2005) o que nos pareceu um facto adicional de interesse atendendo a que estávamos a lidar com uma população de alunos de pós-graduação constituída por professores. Após uma análise cuidada de alguns sistemas de construção de blogues disponíveis na Internet a nossa escolha recaiu pelo “Blogger” (www.blogspot.com) pelas suas potencialidades técnicas e fiabilidade.

3. Metodologia adoptada na recolha de dados

No sentido de contribuir para um maior conhecimento referente à utilização dos portefólios no contexto da disciplina de EaD solicitámos aos alunos que respondessem a um questionário, de forma anónima e por via electrónica (via e-mail). O questionário abarcava diversos aspectos referentes: (a) aos conhecimentos prévios dos alunos (professores) sobre o conceito de portefólio e o seu uso educativo, incluindo a experiência pessoal e profissional que possuem nesse domínio; (b) à aplicabilidade e adequação dos portefólios como instrumentos de avaliação em contextos gerais e no contexto particular da disciplina de Educação a Distância e (c) às características, potencialidades e limitações dos portefólios digitais.

Dos 12 professores a frequentar, como alunos, a disciplina de Educação a Distância, 10 responderam ao questionário. Passaremos a referir-nos aos sujeitos envolvidos como “alunos”. Os dados que se apresentam de seguida correspondem à totalidade das respostas obtidas.

3.1 Conhecimentos prévios sobre portefólios

Dos 10 alunos respondentes, 9 afirmaram conhecer o conceito de portefólio antes deste lhes ser apresentado no contexto da disciplina de Ead sendo que apenas 1 afirmou ser a primeira vez que tinha contacto com o conceito. Destes nove, 5 afirmaram também ter uma noção prévia de termos e conceitos relacionados com portefólios em formato digital como

sejam os termos *webfólios* ou *e-portefólios*. Um dos alunos afirmou mesmo ter já realizado um portefólio digital em CD-Rom, no âmbito da frequência de uma acção de formação sobre “concepção de suportes multimédia”.

Cinco dos alunos afirmaram ter utilizado os portefólios na sua actividade profissional, anteriormente à frequência da disciplina de EaD, sendo que 3 revelaram terem eles próprios elaborado portefólios. Num dos casos, o portefólio foi um portefólio digital elaborado pelo professor como forma de aprendizagem/experimentação tendo em vista futuras utilizações com alunos. Nos outros casos foi utilizado o dossier clássico em suporte papel sendo que numa situação o portefólio foi elaborado ainda durante o período de frequência da licenciatura em ensino do actual professor, portanto com este ainda na condição de aluno, e no segundo caso foi realizado como suporte à preparação de uma viagem de estudo com alunos. Os outros casos correspondem a portefólios realizados pelos alunos mediante proposta e acompanhamento dos seus professores, e tendo como intuito (embora não exclusivo) constituírem elementos de avaliação dos seus alunos.

Dos comentários adicionais que os alunos de EaD fizeram, referentes às suas experiências profissionais relativas à utilização de portefólios, nomeadamente como elementos de avaliação, dois aspectos nos parecem de realçar, pelo impacto que podem ter na adopção ou não dos portefólios enquanto instrumentos de aprendizagem e avaliação ao nível das escolas. Um dos aspectos referidos por um dos alunos foi o facto de se tratar de uma metodologia que acarreta um volume de trabalho muito maior para o professor. Um segundo aspecto, referido por um outro aluno como sendo uma das razões para não utilizar os portefólios como estratégia e/ou instrumento de avaliação, é o facto das decisões quanto à natureza e número dos instrumentos e estratégias de avaliação serem uma decisão colectiva tomada no seio dos departamentos curriculares das escolas pelo que não podem decorrer da vontade própria e pessoal de um determinado professor. A conjugação deste dois aspectos pode, a nosso ver, ser um factor bastante desencorajador do uso dos portefólios enquanto instrumento de aprendizagem e de avaliação tornando ainda mais necessário desenvolver actividades de investigação e divulgação em torno do potencial educativo dos portefólios educacionais das diferentes vertentes que estes podem assumir.

3.2 O recurso aos portefólios como instrumento de avaliação

Quando foi proposto aos alunos a realização de portefólios como instrumento, e estratégia, de avaliação da disciplina de EaD, foi-lhes explicitado a natureza dos documentos e reflexões que deveriam ser incluídos de modo a terem um referencial orientador logo no início do percurso, e processo, de realização dos mesmos. Os alunos foram também informados de que as indicações fornecidas não deveriam ser perspectivadas como limitadores do seu trabalho mas, pelo contrário, apenas como uma espécie de conjunto de tarefas “mínimas” a realizar. No questionário enviado aos alunos foi-lhes pedido que se auto-posicionassem numa

escala nominal de quatro categorias relativas ao nível de consecução revelado pelos seus portefólios no que se referia às “tarefas” inicialmente propostas. Para efeitos de análise e apresentação dos dados recolhidos agruparam-se as respostas incluídas nas categorias “1 – Nada” e “2 – Parcialmente” e as respostas incluídas nas categorias “3 – Bastante” e “4 – Plenamente”. Este procedimento foi adoptado no tratamento e apresentação de todos os dados do questionário em que esta mesma escala tivesse sido utilizada. Os dados recolhidos relativamente ao nível de consecução das tarefas propostas encontram-se compilados na tabela 1.

Tabela 1 – Nível de consecução em termos de tarefas propostas e elementos a incluir na construção dos portefólios, de acordo com a opinião dos respectivos autores.

Tarefas propostas e elementos a incluir nos portefólios:	Nada	Bastante
	Parcialmente	Plenamente
Reflexão semanal sobre conteúdos e actividades realizadas nas aulas da disciplina	5	5
Identificação e breve descrição de sites de interesse no âmbito da EaD e do e-learning	4	6
Identificação e breve descrição de livros, artigos ou outros textos no âmbito da EaD e do e-learning que tenham “descoberto” e folheado ou lido.	3	7
Reflexões sucintas sobre textos que tenham lido.	4	6
Identificação e breve descrição de ferramentas e serviços de comunicação e/ou disponibilização de informação que considerem relevantes.	1	9

Da análise da tabela 1 ressalta uma avaliação bastante positiva dos alunos no que concerne ao trabalho que realizaram, do ponto de vista da consecução das tarefas que lhes foram sugeridas. O aspecto que, do ponto de vista dos próprios alunos, foi menos conseguido é o relativo à “reflexão semanal sobre conteúdos e actividades realizadas nas aulas da disciplina” aspecto que compreendemos e reconhecemos que era previsível atendendo às dificuldades que sentem em conciliar as tarefas profissionais e académicas, sendo que aliás todos os alunos identificaram a “falta de tempo” como o principal ou único factor que condicionou a plena realização das tarefas sugeridas.

Quando foi proposta a realização de portefólios digitais como instrumento de avaliação da disciplina de Educação a Distância foi explicitado um conjunto de objectivos que estavam na base dessa proposta. No sentido de compreender até que ponto cada aluno considera que atingiu os objectivos propostos foi-lhes sugerido que, adoptando uma escala similar àquela a que já nos referimos anteriormente, assinalassem o nível de consecução dos objectivos propostos que consideram ter alcançado. Na tabela 2 apresentam-se os dados referentes ao nível de consecução dos objectivos subjacentes à adopção dos portefólios como estratégia e instrumento de avaliação, de acordo com a opinião dos respectivos autores.

Tabela 2 – Nível de consecução dos objectivos subjacentes à adopção dos portefólios, de acordo com a opinião dos respectivos autores.

A realização dos portefólios digitais permitiu que...	Nada	Bastante
	Parcialmente	Plenamente
... o processo de avaliação se desenvolvesse gradualmente no decurso da disciplina ao invés de se centrar em momentos temporais fixos e comuns a todos.	1	9
... que o processo de avaliação se articulasse de forma coerente com os objectivos e conteúdos da disciplina.	2	8
... que o processo de avaliação incentivasse a prática de pesquisa e reflexão pessoal.	1	9
... permitido que o processo de avaliação considerasse a componente de “processo” e de “produto”.	1	9
... o processo de avaliação pudesse ser partilhado e desenvolvido de forma colaborativa.	3	7

A avaliação que os alunos fazem de algumas das potencialidades dos portefólios digitais tal como as experienciaram pessoalmente é claramente positiva na generalidade dos aspectos considerados, embora com menor expressão no que concerne a considerar que a realização dos portefólios digitais permitiu “... que o processo de avaliação pudesse ser partilhado e desenvolvido de forma colaborativa” sendo que 3 dos alunos consideraram que este objectivo não foi “nada” ou foi apenas “parcialmente” alcançado. Esta mesma ideia é reforçada pelo facto de dois destes alunos em relação à questão sobre se “é comum da sua parte visitar os portefólios (blogues) dos seus colegas de turma? Porque razão?” responderem que “não” e o terceiro responder que “é pouco frequente”, nos três casos indicando como justificação a falta de tempo.

Um dos aspectos em relação aos quais nos pareceu mais relevante inquirir os alunos, atendendo, por um lado, a que os portefólios seriam o principal instrumento (e estratégia) de avaliação dos alunos à disciplina de EaD, e por outro atendendo ao facto destes alunos serem todos professores, em alguns dos casos com experiência de ensino de bastantes anos, foi acerca da opinião que possuíam em relação à valoração a atribuir às diferentes dimensões a considerar na classificação dos portefólios. Nesse sentido, pediu-se aos alunos que utilizassem uma escala de 4 categorias de acordo com a importância que consideravam que deveria ser atribuída a cada um dos aspectos identificados. A escala incluía as seguintes categorias: 1 – Nenhuma importância; 2 – Praticamente nenhuma importância; 3 – Alguma importância e 4 – Muita importância. Para efeitos de apresentação e análise dos dados, mantivemos a opção de agrupar as referências incluídas nas categorias 1 e 2 e nas categorias 3 e 4.

Na tabela 3 apresentam-se os dados referentes ao grau de importância que os alunos consideram dever ser atribuído a cada um dos aspectos a contemplar na avaliação e classificação dos portefólios.

Tabela 3 - Grau de importância que os alunos consideram dever ser atribuído a cada uma dos aspectos a considerar na avaliação e classificação dos portefólios.

Grau de importância a

Aspectos a considerar na avaliação e classificação dos portefólios:	considerar	
	Nenhuma / Praticamente nenhuma	Alguma / Muita
Representatividade das temáticas abordadas na disciplina	0	10
Trabalho de pesquisa realizado	0	10
Número de contributos (posts) colocados	3	7
Relevância da informação e recursos incluídos no portefólio	0	10
Periodicidade dos contributos colocados	3	7
Correcção na identificação das fontes de informação utilizadas	0	10
Exploração de potencialidades técnicas (inserção de imagens, inserção de links, etc.)	0	10

No que concerne aos diferentes aspectos a considerar na avaliação e classificação dos portefólios, as respostas aos questionários mostram uma concordância bastante forte em relação a cinco dos sete aspectos indicados, com todos os alunos (respondentes) a considerarem que os mesmos deverão ter “alguma” ou “muita importância” (consultar tabela 3). Os aspectos menos consensuais referem-se ao “número de contributos (posts)” e à “periodicidade dos contributos” dos alunos. Atendendo ao facto de a generalidade dos alunos ter manifestado como factor condicionante de uma maior consecução dos objectivos subjacentes à adopção do portefólio como instrumento de avaliação da disciplina a falta de tempo, parece-nos provável que a tendência de alguns alunos para uma menor valorização (ou total desvalorização) do “número de contributos” e da “periodicidade dos contributos” possa estar relacionada com a noção de que as limitações de tempo condicionam a possibilidade de alcançar um nível elevado em relação a estes aspectos específicos.

Quando questionados sobre a necessidade de considerar outros aspectos na avaliação dos portefólios e na sua classificação, seis dos alunos afirmam que na sua opinião não há mais aspectos que devam ser considerados. Contudo, dois dos alunos referem que deve haver uma valorização da colaboração e partilha manifestada através da colocação de comentários nos portefólios – blogues dos colegas. Um outro aluno refere ser importante “...ter em conta a evolução do aluno”, aspecto que embora não explicitado no questionário, está subjacente ao próprio conceito de portefólio e por isso implicitamente considerado pela professora da disciplina. Há também uma referência à necessidade de considerar os “sentimentos dos autores ao longo do curso”, referência que não resulta completamente clara para nós, embora nos pareça ser uma outra formulação da necessidade de considerar o percurso de aprendizagem realizado pelos alunos ao longo do período de realização dos portefólios.

3.3 Os portefólios digitais na web

Fizemos já referência às principais razões que nos levaram a optar pela construção dos portefólios na web com base num sistema de construção de weblogues. Nesse sentido procurou-se conhecer as perspectivas dos alunos em relação a um conjunto de factores

relacionados com a natureza digital dos portefólios. Na tabela 4 encontram-se registadas as respostas dos alunos às questões colocadas.

Tabela 4 – Perspectivas dos alunos em relação a diversos aspectos relacionados com a construção dos portefólios digitais tendo como suporte um weblogue.

Atendendo ao suporte utilizado – um weblog - para a produção do portefólio sentiu que no seu caso isso:	Sim	Não
Facilitou a tarefa de criar o portefólio	9	1
Constituiu um factor de maior motivação	9	1
Constituiu uma limitação ao processo de produção por nem sempre ter acesso à Internet	3	7
Permitiu integrar mais facilmente recursos já existentes	8	2
Constituiu uma limitação ao processo de produção pela sua própria natureza digital	1	9

Em termos gerais, a apreciação dos alunos em relação à construção dos portefólios em formato de weblogue, foi bastante positiva sendo que nove dos alunos consideraram que o suporte utilizado “facilitou a tarefa de criar o portefólio” e “constituiu um factor de maior motivação”, não tendo a natureza digital do mesmo constituído “...uma limitação ao processo de produção...”. Há um(a) aluno(a) que considera que a natureza digital constituiu uma limitação ao próprio processo de produção do portefólio e que considera que a adopção de um formato digital do tipo weblogue não facilitou a tarefa de criar o portefólio ou tenha constituído um factor de maior motivação.

Dois dos alunos(as) consideraram que a construção dos portefólios sob a forma de weblogue não permitiu integrar mais facilmente recursos já existentes, embora oito tenham opinião contrária. Embora com os dados disponíveis no momento da redacção deste texto não nos tenha sido possível averiguar as razões de tais posições, alguma reflexão fez-nos pensar que, se o facto dos portefólios terem sido construídos na web com base num sistema de blogues facilitou indiscutivelmente a inclusão nos mesmos de recursos existentes na web, como textos ou sites relevantes, tornou-se também para nós claro que a inclusão de documentos provenientes de outras fontes pode ser trabalhosa, podendo implicar a realização de processos de identificação, descrição e síntese dos mesmos mais trabalhosos e/ou acarretar um trabalho de digitalização e tratamento digital de documentos, que não seria necessário em formato papel. Esta mesma ideia parece-nos estar subjacente às palavras de um(a) dos alunos(as) que perante o pedido de indicação de desvantagens que considerasse estarem associadas à construção de um portefólio digital em rede em detrimento da opção por um dossier físico, refere que “alguns assuntos tratados no portefólio em formato papel podem não existir em formato digital e vice-versa...”.

No que se refere a desvantagens associadas à realização dos portefólios em suporte digital em rede, para além do aspecto que acabámos de referir, há a referência ao facto de ser necessário o acesso à Internet para consultar e/ou trabalhar nos portefólios e a preocupação com a possibilidade de existir algum problema técnico que leve ao desaparecimento do

portefólio. Importa referir que, se o acesso à Internet pode ser de facto um factor condicionante na construção e na consulta dos portefólios, quanto ao receio de perder a informação, ela também se verifica nos portefólios em formato papel e existem processos de criar cópias de segurança da informação contida nos portefólios digitais.

Foi também perguntado aos alunos se consideravam existir alguma vantagem específica na realização de um portefólio num suporte digital em rede, como os blogues, em detrimento do uso mais comum de suportes físicos como, por exemplo, o papel. Todos os alunos identificaram pelo menos uma, mas na maior parte dos casos múltiplas vantagens na adopção de portefólios digitais disponíveis através da web. Procurando sistematizar as referências feitas pelos alunos, encontramos essencialmente a indicação de aspectos considerados como “vantagens” relacionados com:

- (i) maior acessibilidade e visibilidade dos portefólios para além da esfera restrita do seu autor, de que são exemplo as referências:
 - Q1 – “Possibilitar mostrar a trabalho a todos ao mesmo tempo”
 - Q11 – “Num meio digital a informação está acessível a todos, de forma rápida e simples, enquanto que num suporte de papel essa informação tende a não ser notada ou perder-se.”
- (ii) possibilidade de desenvolvimento de um trabalho de natureza muito mais colaborativa e participada, de que são exemplo as referências:
 - Q8 – “Maior partilha entre os alunos.”
 - Q10 – “Um portefólio digital em rede permite, de um modo mais rápido e eficaz, conhecer as preocupações/reflexões dos colegas; permite acrescentar e colocar acessível aos outros as nossas reflexões; permite comentar, de um modo simples, as postagens dos colegas”
- (iii) aspectos de natureza pragmática, de que são exemplo as referências:
 - Q2 – “... não desperdiçar papel... ter maior capacidade que o dossier convencional.”
 - Q4 – “Uma das grandes vantagens dos portefólios digitais, é o facto de alunos e professores deixarem de andar carregados de pastas de papel, “transportando” apenas o endereço electrónico dos blogues.”

A experiência que vivemos enquanto docente da disciplina de EaD, aliada à análise parcial dos dados recolhidos através do questionário passado aos alunos, reforçou em nós a convicção decorrente da experiência adquirida no ano anterior, do grande potencial dos portefólios digitais enquanto instrumentos de aprendizagem e de avaliação. Admitimos contudo a necessidade de desenvolver um conjunto sistemático de estudos neste domínio que nos possam conduzir a práticas docentes nesta área devidamente suportadas na investigação educacional.

Considerações finais

Este estudo deve ser encarado como um primeiro estudo de natureza exploratória e preliminar no contexto de uma investigação mais alargada e prolongada no tempo que visará aumentar o conhecimento fundamentado na investigação em torno do potencial, das “boas práticas” e dos efectivos resultados da adopção de portefólios digitais em diversos contextos e graus de ensino, enquanto instrumentos de aprendizagem e de avaliação. Para além dos dados de natureza descritiva e exploratória que aqui apresentámos, uma análise mais aprofundada do questionário e o cruzamento dos dados provenientes do mesmo, com outros decorrentes da análise do conteúdo dos próprios portefólios (blogues) e da realização de entrevistas aos alunos afigura-se essencial para esclarecer alguns aspectos e questões decorrentes das limitações da análise de dados apresentada neste texto. A discrepância temporal entre a data de submissão para publicação deste texto definitivo e o tempo necessário para realizar as entrevistas e terminar a análise do conteúdo dos blogues não permitiu um maior aprofundamento das questões aqui abordadas. Ficam registados alguns aspectos que nos parecem importantes e que serão aprofundados em textos posteriores.

Bibliografia

- Barrett, Helen C. (2005). The Research on Portfolios in Education. [Consultado em 29-11-2005 <http://electronicportfolios.org/ALI/research.html>]
- Barrett, Helen C. (2005). *White Paper – Researching Electronic Portfolios and Learner Engagement*. [Consultado em 28-02.2006 a partir de www.taskstream.com/reflect/whitepaper.pdf]
- Alves, P.; (2005). “O Portefólio: Instrumento de avaliação de uma disciplina na Universidade – Estudo de Caso”, in Bento D. Silva e Leandro S. Almeida (eds.), in *Actas do VII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia*, Braga: CIED edições – Universidade do Minho, pp. 1113-1125.
- Bernardes, C., Miranda, F.; (2003). *Portefólio Uma Escola de Competências*. Porto: Porto Editora.
- Fernandes, D., Neves, A. Campos, C., Conceição, J. M., Alaiz, V., (2004). “Portfolios: para uma avaliação mais autêntica, mais participada e mais reflexiva”, in: *Pensar avaliação, melhorar a aprendizagem*; Lisboa: IIE 1994, consultado a partir da na web em 13 de Dezembro de 2005, no endereço:
<http://www.prof2000.pt/users/j.pinto/matematica/acompanhamento/MACS/Avaliacao/portfolios.pdf>